

## Resposta da balança comercial

REFLEXÕES SOBRE O RUIDOSO DIAGNÓSTICO EQUIVOCADO DOS “DESENVOLVIMENTISTAS”

*Rogério L. Furquim Werneck\**

A publicação dos dados de comércio exterior referentes a abril enseja uma reflexão mais do que necessária, sobre os descaminhos do debate em torno da natureza do desequilíbrio externo da economia brasileira e da melhor forma de enfrentá-lo. Nos últimos 24 meses, a balança comercial teve uma melhora simplesmente espetacular. O saldo acumulado em 12 meses passou de um déficit de cerca de US\$ 1,4 bilhão, em abril de 2001, a um superávit de 17,1 bilhões em abril deste ano. Uma melhora de nada menos do que US\$ 18,5 bilhões, decorrente de um aumento de US\$ 7,2 bilhões nas exportações e uma contração de US\$ 11,3 bilhões nas importações. Em termos relativos, as exportações tiveram no período uma expansão acumulada acima de 12% enquanto as importações foram reduzidas em mais de 19%. O que se observou foi uma vigorosa e inequívoca resposta dos fluxos de comércio exterior aos estímulos decorrentes da colossal depreciação cambial que teve lugar entre 1999 e 2002.

É contra esse pano de fundo que devem ser devidamente reavaliados diagnósticos completamente equivocados, brandidos com grande alarido, ao longo dos últimos dois anos, por economistas que se intitulam “desenvolvimentistas”. As idéias ganharam força a partir de 2001, a reboque da decepção com os efeitos iniciais da desvalorização cambial de 1999, que se resumiram ao simples reequilíbrio das contas comerciais. A decepção logo deu lugar ao ceticismo. E os “desenvolvimentistas” passaram a alardear o diagnóstico de que, afinal, tanto exportações quanto importações eram insensíveis a preços. Sobre as exportações, estímulos de preços teriam efeitos muito limitados por toda sorte de razões, entre as quais, protecionismo dos países desenvolvidos, dificuldades dos parceiros do Mercosul, recessão mundial e falta de tradição exportadora. No que diz respeito às importações, as razões alegadas pareciam ainda mais sérias. De um lado, bens intermediários importados seriam tipicamente utilizados em processos produtivos envolvendo combinações de insumos em proporções imutáveis. De outro, a possibilidade de substituição de insumos e equipamentos importados por similares nacionais seria muito limitada. A menos, é claro, que o governo se dispusesse a intervir para mostrar oportunidades, coordenar decisões de investimento e assegurar os incentivos adicionais necessários. O que apontava para a urgência de uma política articulada de substituição de importações, visando o “adensamento das cadeias produtivas”. Sem isso, não haveria solução para o desequilíbrio externo.

É impressionante o que se perdeu de tempo e se gastou de papel, tinta e cobertura na mídia com tais idéias que, em determinado momento, chegaram a ser pomposamente apresentadas como a “tecnologia do crescimento” de um novo modelo de política econômica para a economia brasileira. De fato, perdeu-se bem mais do que apenas

tempo. Perdeu-se foco. Tais idéias acabaram deslocando o foco do debate econômico no País nos últimos dois anos para falsas questões. Poderia ser argüido que, afora ter lançado certa confusão, a celeuma levantada pelos “desenvolvimentistas” acabou tendo um papel anódino, por ter ficado à margem do debate que de fato importava. Simplesmente não teria sido levada à sério. De fato, o governo soube resistir bravamente às pressões em favor da adoção de uma política de substituição de importações formulada nesses termos. E soube esperar que os efeitos da depreciação cambial por fim se fizessem sentir com o devido vigor. O que afinal lhe permitiu deixar como legado um processo já avançado de reequilíbrio das contas externas. A verdade, contudo, é que essas idéias “desenvolvimentistas” acabaram não sendo tão desimportantes assim. Muito pelo contrário.

É preciso lembrar que a política econômica do governo FHC sempre foi conduzida entre dois fogos. De um lado, a oposição propriamente dita. De outro, a resistência que se fazia de dentro da coalizão governista. Essa resistência, que havia sido obrigada a submergir nos dois primeiros anos do segundo mandato, voltou a ressurgir em 2001 e 2002, com um discurso inflamado, centrado exatamente na crítica à forma como o “fernando-malanismo” vinha enfrentando o desequilíbrio das contas externas. FHC e sua equipe econômica podem até ter-se mostrado refratários aos argumentos “desenvolvimentistas”. Mas na eleição presidencial de 2002, o candidato governista acabou insistindo em subscrever o diagnóstico “desenvolvimentista”, no plano de ação econômica que deu a público em agosto do ano passado. Na verdade fez bem mais do que isso. Fez da proposta de “ativismo governamental”, para melhorar a balança comercial, o ponto crucial da sua plataforma de mudança da política econômica do governo FHC. Uma decisão especialmente melancólica, tendo em vista o que já vinha ocorrendo com a balança comercial àquela altura. Foi mencionado acima que, entre abril de 2001 e abril de 2003, as importações acumuladas em 12 meses sofreram uma redução de US\$ 11,3 bilhões. Na verdade, 93% dessa redução de importações já haviam sido observados em agosto de 2002, quando a taxa de câmbio já havia atingido R\$ 3.

Infelizmente, esse é um País no qual boa parte do debate econômico acaba sendo inconseqüente. Com frequência, argumentos totalmente sem sentido, alardeados como verdades absolutas e dogmas de fé, são defendidos durante anos e depois simplesmente abandonados, sem reconhecimento dos equívocos e sem que haja um mínimo de depuração de idéias. Talvez seja o momento de começar a avaliar evidências e, quando for o caso, deixar publicamente registrado que certas idéias mostraram ser patentemente erradas.

---

\* Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.